



**SENSIBILIDADE À IGUALDADE DE GÊNERO NO FUTEBOL:
PERSPECTIVAS DE ESTUDANTES DO ENSINO FUNDAMENTAL E
MÉDIO**

**SENSITIVITY TO GENDER EQUALITY IN FOOTBALL:
PERSPECTIVES FROM ELEMENTARY AND HIGH SCHOOL STUDENTS**

**SENSIBILIDAD A LA IGUALDAD DE GÉNERO EN EL FÚTBOL:
PERSPECTIVAS DE ESTUDIANTES DE PRIMARIA Y SECUNDARIA**

Cauê dos Santos Agostini


<https://orcid.org/0009-0005-5340-9592> 


<http://lattes.cnpq.br/2865943637209954> 

Universidade Federal de São Carlos (São Carlos, SP – Brasil)

cauedossantosagostini@gmail.com

Daniela Godoi-Jacomassi


<https://orcid.org/0000-0002-7043-7529> 


<http://lattes.cnpq.br/7699007812483790> 

Universidade Federal de São Carlos (São Carlos, SP – Brasil)

danielagodoj@ufscar.br

Luiz Gustavo Bonatto Rufino


<https://orcid.org/0000-0003-2567-9104> 


<http://lattes.cnpq.br/3487007919923228> 

Universidade Estadual de Campinas (Campinas, SP – Brasil)

rufinolg@unicamp.br

Osmar Moreira de Souza Júnior

<https://orcid.org/0000-0002-2915-5634> 

<http://lattes.cnpq.br/9176123942671062> 

Universidade Federal de São Carlos (São Carlos, SP – Brasil)

osmar@ufscar.br

Resumo

O presente estudo objetivou analisar as opiniões e posicionamentos de estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio em relação à igualdade de Gênero no futebol no ambiente escolar e alto rendimento. Para isso, utilizou-se um questionário denominado EAIGFU (Escala de Atitudes para a Igualdade de Gênero no Futebol Escolar), desenvolvido por pesquisadores espanhóis e validado no Brasil, obtendo-se 187 respostas de estudantes com idades entre 12 e 18 anos. Para as análises, utilizou-se o *software Statistical Package for Social Sciences* (SPSS) que agrupou as respostas em três *clusters*. Os resultados apontam para opiniões e posicionamentos que transitam entre os espectros igualitários e sexistas nos clusters 1 e 2, com maior predomínio de respostas sexistas no 2 e de incertezas no 1 e uma consistência de respostas igualitárias do cluster 3, formado em sua maioria por meninas em oposição aos dois primeiros majoritariamente masculinos.

Palavras-chave: Futebol; Educação Física Escolar; Igualdade de Gênero; Sexismo.

Abstract

The aim was to analyze the opinions and positions of students in the final years of Elementary and High School in relation to gender equality in football in the school environment and high performance. For this, a questionnaire called EAIGFU (Attitude Scale for Gender Equality in School Football) was used, developed by Spanish researchers



and validated in Brazil, obtaining 187 responses from students with ages between 12 and 18 years old. For the analyses, the Statistical Package for Social Sciences (SPSS) software was used, which grouped the responses into three clusters. The results point to opinions and positions that move between the egalitarian and sexist spectrums in clusters 1 and 2, with a greater predominance of sexist responses in 2 and uncertainty in 1 and a consistency of egalitarian responses in cluster 3, mostly formed by girls as opposed to the first two, which are mostly male.

Keywords: Football; School Physical Education; Gender equality; Sexism.

Resumen

El objetivo fue analizar las opiniones y posiciones de los estudiantes de los últimos años de Educación Primaria y Secundaria en relación a la igualdad de género en el fútbol en el ámbito escolar y el alto rendimiento. Para ello se utilizó el cuestionario EAIGFU (Escala de Actitud para la Igualdad de Género en el Fútbol Escolar), desarrollado por investigadores españoles y validado en Brasil, obteniendo 187 respuestas de estudiantes con edades entre 12 y 18 años. Para los análisis se utilizó el software Statistical Package for Social Sciences (SPSS), que agrupó las respuestas en tres grupos. Los resultados apuntan a opiniones que se mueven entre los espectros igualitario y sexista en los clusters 1 y 2, con mayor predominio de respuestas sexistas en 2 e incertidumbre en 1 y consistencia de respuestas igualitarias en el 3, formado mayoritariamente por niñas, a diferencia de los otros, formados por chicos.

Palabras clave: Fútbol; Educación Física Escolar; Igualdad de género; Sexismo.

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa é parte integrante de um trabalho mais amplo, o qual buscou investigar a percepção de alunos e alunas entre 12 e 18 anos sobre questões concernentes à sensibilidade para a igualdade de gênero no campo do futebol no Brasil, abarcando desde seu contexto de alto rendimento até a prática do futebol escolar.

Refletindo sobre o cenário das aulas de Educação Física, percebe-se uma predominância do esporte, importante prática da cultura corporal de movimento, mas que, via de regra, assume um protagonismo desproporcional nessas aulas em detrimento de outras manifestações corporais (DARIDO, 2003). O esporte enquanto sinônimo das aulas de Educação Física Escolar ganha maiores dimensões em um conceito de aulas moldado em meados da década de 1960, período com forte característica militarista, contexto em que o governo se utilizou dessa prática para fomentar um ambiente de desenvolvimento e ao mesmo tempo 'mascarar' os problemas sociais e políticos (BARROSO; DARIDO, 2006).

Atualmente, se observa um predomínio de certas modalidades esportivas como prática hegemônica nas aulas de Educação Física. Nesse interim, no contexto brasileiro, o futebol tem se apresentado como a prática esportiva mais frequentemente encontrada e adotada na escola (SOUZA JÚNIOR; DARIDO, 2010). Traços dessa cultura esportiva pautada unicamente em determinadas modalidades coletivas, sobretudo no futebol, se apresentam de forma exclusiva e excludente em diversos aspectos, sendo um deles e muito característico, a menor participação das meninas nas aulas de Educação Física se comparada à participação dos meninos (UCHOGA; ALTMANN, 2016).





Ainda sobre os atravessamentos pelo marcador social de gênero, Dornelles e Teixeira (2016) consideram que tais concepções são constitutivas da Educação Física escolar, “[...] entrando em quadra’ na seleção de conteúdos, na organização pedagógica da disciplina e, por último, localizando ‘uma feminilidade como problema’ na escola” (DORNELLES; TEIXEIRA, 2016, p. 90). A autora e o autor complementam, afirmando que a abordagem do conteúdo futebol neste cenário reifica uma distinção necessária entre meninos e meninas pelos/as professores/as de Educação Física.

Tratando sobre o futebol, a literatura apresenta inúmeros registros de sua consolidação como um campo demarcado por valores de uma masculinidade hegemônica. Souza Junior e Reis (2023), dentre outros/as autores/as, resgatam uma história de interdições do futebol às mulheres no mundo e mais especificamente no Brasil. Segundo o autor e a autora, o decreto-lei 3.199, de 14 de abril de 1941 do Conselho Nacional dos Desportos (CND) (BRASIL, 1941), em seu artigo 54, estabelecia uma barreira considerável à prática do futebol por mulheres ao prescrever que: “Às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país”. De acordo com Castellani Filho (1988) a Deliberação CND nº 7/65, tipifica as interdições para a prática dos esportes por mulheres, proibindo textualmente que as mulheres praticassem, dentre outros esportes, o futebol, o futebol de salão e o futebol de praia.

Segundo Castellani Filho (1988), esta lei foi revogada, pelo CND somente no ano de 1979. No entanto, mesmo com a regulamentação de uma maior flexibilidade de práticas esportivas para as mulheres, a Confederação Brasileira de Desportos (CBD) impôs uma série de barreiras para a prática do futebol feminino que só teve sua prática efetivamente autorizada e regulamentada a partir de 1983 (SOUZA JÚNIOR, 2013; SOUZA JÚNIOR; PEREIRA, 2020; SILVA, 2017).

Souza Júnior e Pereira (2020) lembram que a deliberação CND 01/83 que regulamenta a prática do futebol feminino após o longo período de proibição, na realidade busca demarcar a prática da modalidade pautada por pressupostos machistas que afirmam textualmente uma suposta “inferioridade do gênero feminino”. A deliberação incluía artigos que proibiam o profissionalismo para as mulheres e estabeleciam a adaptação das regras, como a diminuição das medidas do campo, do tamanho e peso da bola e do tempo de jogo.





De acordo com Goellner (2020), a prolongada vigência de cerca de quatro décadas deste dispositivo legal, incluindo o Decreto de 1941 e a Deliberação 1965, trouxe consequências significativas para o desenvolvimento do esporte no país, censurando e arrefecendo a crescente participação das mulheres nos espaços de sociabilidade esportiva, dentre eles os das práticas futebolísticas que acabam por se perpetuar como territórios de engendramento de uma masculinidade hegemônica.

Silva (2017) argumenta que, por ser o esporte nacional do Brasil e ocupar um espaço de poder em nossa sociedade, o futebol era um lócus interdito à mulher, fato que “[...] conferia à sua dinâmica grande potencial subversivo, pois poderia produzir o questionamento sobre as essencializações construídas sobre o corpo feminino e a suposta masculinidade inerente ao esporte” (SILVA, 2017, p. 207). Segundo a autora, a suposta incompatibilidade de gênero feminino com o esporte, sustentada pelo imaginário social da beleza, fragilidade, maternidade e delicadeza em contraposição à estereotipia do futebol como violento, que exigiria força e resistência física, dentre outros elementos tomados como ‘masculinos’, funcionou como eixo argumentativo daqueles que se contrapunham à sua prática pelas mulheres. A autora conclui considerando que “[...] ao desqualificar o futebol feminino, mantinha-se o *status quo*, no que diz respeito às normas de gênero e à leitura social do esporte masculino como modalidade viril” (SILVA, 2017, p. 208).

Em uma análise do cenário mais contemporâneo da prática do futebol por mulheres, Kessler (2023) problematiza o cânone da essencialização de uma feminilidade e de uma masculinidade calcados no binarismo de gênero. Segundo a autora, “[...] ser mulher é diferente de expressar feminilidades. As expressões de gênero servem como ferramentas de leitura dos corpos em sociedade, mas não apenas para isso: servem também como forma de categorizar e hierarquizar os sujeitos” (KESSLER, 2023, p. 189).

Kessler (2023) admite que o estereótipo de feminilidade associado a valores como leveza, fragilidade e graciosidade, perde de vista que essas mesmas características podem ser constitutivas tanto de homens, quanto de mulheres em suas possibilidades de existência. De acordo com a autora: “[...] nem todo homem é forte, viril e ágil. E isso se torna visível no cotidiano, nos corpos que circulam pelos espaços públicos. Por isso, é importante atentar às coerções sociais que impelem os sujeitos a se adequarem a uma matriz de inteligibilidade” (KESSLER, 2023, p. 189). Ou seja, continua a autora, “[...] espera-se que uma mulher seja feminina, sinta atração e se relacione com homens, o que não é algo que se concretiza na vida





de todas as pessoas. Neste sentido há mulheres que apresentam mais masculinidades e outras não sentem desejo por homens (ou não apenas por eles)” (KESSLER, 2023, p. 189).

Neste mesmo sentido, de acordo com Goellner (2021, p. 106), “[...] o sistema binário sexual que classifica os sujeitos, seus corpos, gêneros e sexualidades é o mesmo que rege a forma como o esporte é oficialmente categorizado; é o mesmo que institui como norma nas competições a separação entre homens e mulheres sob o argumento da igualdade de chances”. Segundo a autora, ao essencializar uma suposta superioridade física dos homens sobre as mulheres como universal, acaba por hostilizar as que, de alguma forma, ousam desafiar os limites que demarcam essas fronteiras. Goellner (2021) afirma que na medida em que reivindicam seu direito de fazer parte do campo esportivo essas mulheres transgridem o status quo e desnudam, pela sua diferença, a fragilidade das narrativas que sustentam a supremacia deles em relação a elas, desestabilizando os jogos de poder que asseguram o machismo, a misoginia e o sexismo, dentre outros operadores de opressão.

Em se tratando dos desafios contemporâneos enfrentados pelas mulheres no futebol, Goellner (2020) aponta que o ano de 2019 é um divisor de águas para o futebol de mulheres no Brasil e no mundo. A atenção das mídias tradicionais e alternativas à Copa do Mundo de Futebol Feminino da França fez com que a presença das mulheres no futebol fosse anunciada, registrada e divulgada.

Barreira e colaboradores (2020) e Martins, Silva e Vasquez (2021) corroboram esta compreensão ao rememorem a política esportiva proposta pela Confederação Sul-Americana de Futebol (CONMEBOL) com a regra de licenciamento, segundo a qual, a partir do ano de 2019, os clubes que não tivessem equipes de futebol feminino disputando competições nacionais ficariam impedidos de participar de competições continentais. “Os Jogos Olímpicos e a Copa do Mundo trouxeram visibilidade para a seleção, e as recentes regulamentações da Conmebol obrigaram os clubes populares brasileiros a constituírem equipes femininas” (MARTINS; SILVA; VASQUEZ, 2021, p. 14). Apesar de uma série de percalços enfrentados nos primeiros anos de sua implementação, podemos afirmar que tal política ajudou a impulsionar o futebol de mulheres no Brasil e em todo o continente sul-americano. Com isso, Martins, Silva e Vasquez (2021) concluem que as mulheres ganharam os holofotes, o que sugere um possível aumento no número das praticantes como consequência. Segundo Goellner (2020, p. 21) “[...] não apenas assistimos aos jogos e ouvimos os comentários, como também visualizamos





mulheres atuando em diferentes ocupações no universo cultural do futebol: comentaristas, árbitras, narradoras, jornalistas, treinadoras, torcedoras, entre outras”.

Em que pese tais avanços em relação ao desenvolvimento do futebol de mulheres no país, não podemos perder de vista o que está por ser feito. Nicolino e Oliveira (2020) compreendem que apesar dessa maior repercussão de conteúdo ligado ao futebol de mulheres, conferindo visibilidade às futebolistas, tal narrativa se sustenta, em grande medida, pela imposição de ‘imagens de controle negativas’ sobre as jogadoras, segundo as quais elas sempre seriam representadas por imagens negativas em detrimento de um suposto ‘padrão ouro’ que seria o modelo masculino de jogar futebol. Produz-se, a partir destes operadores, discursos do senso comum de uma suposta inferioridade das mulheres futebolistas.

Conforme foi possível observar, ao abordarmos o futebol, questões sobre desigualdade de gênero estão presentes nos mais diversos contextos. Nesse sentido, destaca-se a importância de tratá-las como temas articulados ao conteúdo curricular futebol.

Estabelecido este marco teórico, esta pesquisa recorre a um questionário chamado de EAIGFU (Escala de Atitudes para a Igualdade de Gênero no Futebol Escolar), de caráter transcultural (GIL-MADRONA et al., 2022; MÉNDEZ-HINOJOSA et al., 2023), e que tem como um de seus objetivos constituir uma base de dados com respostas de estudantes do maior número possível de países, para buscar reflexões sobre relações de gênero no futebol. A aplicação do mesmo foi realizada em diversos municípios do Brasil. O presente estudo utilizou dados oriundos do recorte de uma cidade de médio porte do interior do Estado de São Paulo.

O EAIGFU foi idealizado por pesquisadores de uma universidade localizada na Espanha (GIL-MADRONA et al., 2022) e surgiu com os objetivos de: “(1) Desenhar e validar a Escala de Atitudes para a Igualdade de Gênero no Futebol Escolar (EAIGFU); (2) Reconhecer e descrever as atitudes dos alunos de Ensino Fundamental e Médio para a igualdade de gênero no futebol escolar; (3) Identificar diferenças de atitude dos alunos em função do gênero, idade, número de irmãos, tipo de prática esportiva e índice de massa corporal (IMC).”

Os objetivos propostos pelos pesquisadores espanhóis não correspondem aos objetivos desta pesquisa, porém este estudo inspirou-se nos percursos investigativos apontados pelo mesmo. Desse modo, fizemos um uso heurístico de um instrumento que vem sendo utilizado em diferentes contextos, a partir de nosso recorte investigativo.

Com base na problemática circunscrita no estudo, considera-se que é fundamental refletir sobre possibilidades de relação da categoria gênero com outras variáveis tais como





idade, escolaridade, biotipo, número de irmãos/irmãs entre outras possíveis, e assim identificar perfis que apresentam respostas que possam indicar inclinações mais alinhadas com ideais igualitários ou sexistas. Sendo assim, emerge a seguinte questão: é possível identificar posicionamentos mais sexistas ou igualitários em estudantes a partir de suas opiniões expressadas sobre futebol e gênero em um questionário estruturado?

Essa questão surge a partir da hipótese de que as opiniões das pessoas sobre a prática do futebol podem ser reveladoras de atitudes relacionadas à sensibilidade à igualdade de gênero as quais, por sua vez, podem apresentar intersecção com outros marcadores sociais.

Assim, o objetivo do presente estudo foi analisar as opiniões e posicionamentos de estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio em relação à igualdade de gênero no futebol desde o ambiente escolar até o contexto do alto rendimento.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Delimitação do Tipo de Pesquisa

Identificamos a pesquisa como um estudo descritivo, a partir da classificação proposta por Triviños (1987). O autor define este tipo de pesquisa como uma maneira de expor um fenômeno ou as características de uma população ou objeto, ou seja, é amplamente utilizada como uma forma de produzir dados científicos que servirão como base para outros estudos. Além de descritivo, o estudo pode ser classificado como correlacional, pois tem como um de seus objetivos estabelecer relações entre variáveis. Moresi (2003) aponta que, inserida na pesquisa descritiva, se encontra a pesquisa de opinião, que consiste em um levantamento estatístico que indica opiniões de uma determinada população analisada. Portanto, é evidente a natureza de pesquisa de opinião que este estudo assume.

Instrumento de Coleta de Dados

O questionário EAIGFU está estruturado em uma parte inicial e três blocos. A parte inicial consiste na coleta de dados sociodemográficos, como: data de nascimento, idade, série e nível de ensino, peso, altura, atividades extraescolares, gênero, prática de futebol em time/equipe, tempo que pratica futebol, gosto por jogar futebol, nível de 1 a 10 que considera jogar bem futebol, quantos irmãos tem e quantas irmãs cada participante tem.





Os outros três blocos temáticos do EAIGFU são organizados no formato de questões em escala do tipo *Likert* e contam com 27 afirmações as quais as/os respondentes devem, para cada uma das sentenças, marcar em uma caixa uma das opções entre “discordo totalmente”, “discordo”, “não sei”, “concordo” e “concordo plenamente”.

Esses três blocos dividem-se da seguinte forma:

a) “Nível sociocultural”: conta com 16 afirmações sobre aspectos das relações de gênero principalmente no contexto esportivo do alto rendimento, como por exemplo “o futebol é um esporte masculino”.

b) “Nível relacional”: composto por 4 afirmações que trata de como o futebol acontece nas aulas de Educação Física no que tange às relações de gênero, como exemplo a afirmação “nas aulas de Educação Física costumamos jogar futebol sem que meninos e meninas se chateiem”.

c) “Competência motriz percebida”: com 7 afirmações, busca investigar qual a autopercepção das/os alunas/os sobre a participação nas aulas de Educação Física, por exemplo: “penso que possuo melhores capacidades que outros colegas meninos e meninas para a Educação Física”.

Delimitação da Amostra da Pesquisa e Procedimento Para a Coleta dos Dados

Para a aplicação do questionário foi utilizada uma técnica chamada “amostra bola de neve”. Segundo Vinuto (2014) neste tipo de amostragem o/a pesquisador/a inicialmente estabelece critérios de seleção e localiza perfis que julga contribuir com a pesquisa. A partir dessas relações iniciais construídas, são estas pessoas – que podem ser chamadas de “sementes” – que irão indicar ou até realizar novos contatos. Dessa forma, a amostragem cresce dentro dessa rede estabelecida. O critério normalmente utilizado para estabelecer o fim dessa cadeia de contatos é o ponto de saturação.

Alinhada a esses critérios foi feita a escolha inicial das/os professores/as que foram convidados/as para aplicar o questionário em suas turmas. A produção de dados por meio da aplicação dos questionários aconteceu no ano de 2019. Na maioria dos casos as/os professores/as colaboradoras/es aplicaram os questionários a partir do link do *Google Forms*.

Foi obtido um total de 187 questionários respondidos, sendo 52 alunas/os de escolas particulares e 135 de escolas públicas, que cursavam os anos finais do ensino





fundamental e o ensino médio, portanto com idade entre 12 e 18 anos. O gênero declarado pelas/os participantes da pesquisa foi 93 para o feminino e 94 para o masculino.

Procedimentos Para Análise de Dados

Tendo em vista os objetivos, a partir da quantidade de respostas e do grau de complexidade no tratamento do volume de dados produzidos no projeto de pesquisa, as análises para este recorte ficaram restritas aos resultados oriundos do bloco “sociocultural”.

É possível organizar a análise em três etapas: (1) agrupamento dos perfis dos/as participantes; (2) caracterização dos agrupamentos; (3) categorização temática do bloco sociocultural e análise dos agrupamentos por categoria temática.

Na primeira etapa, as afirmações do bloco sociocultural foram analisadas a fim de buscar elementos semelhantes e discrepantes nas respostas e, conseqüentemente, identificar possíveis padrões apresentados pelos(as) participantes da pesquisa. Para isso foi realizada uma análise de cluster utilizando o software estatístico SPSS (*Statistical Package for Social Sciences*). Esta técnica estatística tem como objetivo classificar elementos em um grupo (cluster), juntando-os de acordo com suas semelhanças, de forma que elementos parecidos formem um mesmo cluster (HAIR JUNIOR et al., 2009).

A segunda etapa consistiu em caracterizar os clusters a partir do recorte de gênero dos dados coletados com o questionário.

Na terceira etapa, foco deste texto, foram analisadas as afirmações do bloco sociocultural e identificados três temas principais que as questões tratavam. Conforme Bogdan e Biklen (1994), estas categorias permitem que um material coletado seja fisicamente separado de outros dados, surgindo assim, as categorias de codificação. As categorias temáticas elencadas foram identidade de gênero; profissionalização e desempenho esportivo.

Aspectos Éticos

O projeto da pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da Universidade Federal de São Carlos (CEP – UFSCar), pelo parecer nº 4.790.311 e está cadastrado com o número CAAE: 41170620.2.0000.5504.



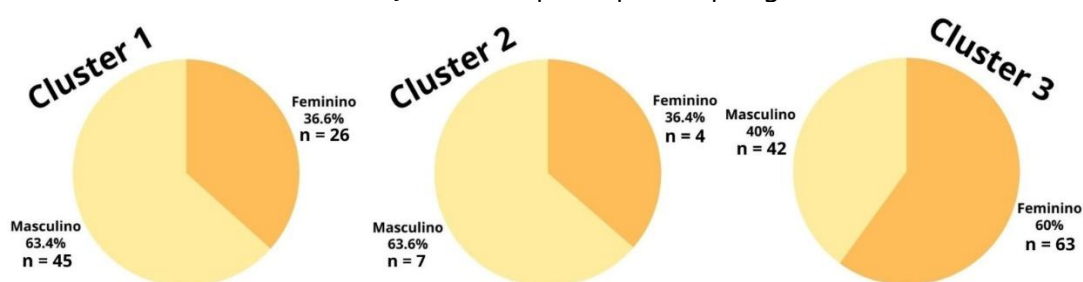


RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise de cluster resultou na divisão das/os participantes em três grupos (cluster 1, cluster 2 e cluster 3). Após o agrupamento das respostas foi possível caracterizar os clusters quanto ao gênero e em relação aos seus posicionamentos diante do questionário.

Do ponto de vista do gênero dos/as participantes no estudo, constatou-se que estão distribuídos nos três clusters como apresentado na Figura 1.

Figura 1 – Gráficos com a distribuição dos/as participantes por gênero nos clusters



Fonte: Produzida pelos pesquisadores (2024).

Em relação aos posicionamentos diante do questionário, as respostas variaram entre si com relação a qual extremo indicaria posicionamentos mais sexistas ou igualitários. Por exemplo, diante da afirmação “O futebol é um esporte masculino”, responder “discordo totalmente” seria o extremo igualitário e responder “concordo totalmente” seria o extremo sexista. Entretanto, em questões, tais como: “A participação da mulher no futebol ajuda no crescimento da sociedade”, responder “discordo totalmente” seria o extremo sexista e responder “concordo totalmente” seria o extremo igualitário.

A partir disso, para cada afirmação construímos uma escala que variou de “0” a “4”, sendo “0” atribuído para as respostas que indicavam o extremo igualitário e “4” atribuído para o extremo sexista. Com base nesta escala, foi possível estabelecer um número que representa a média de todas as respostas para cada questão em cada um dos clusters, que nomeamos como valor central. Quanto mais próximo de “0” estiver o valor central mais igualitário é o posicionamento do cluster, quanto mais próximo de “4”, mais sexista.

Assim, considerando as análises estatísticas dos três blocos temáticos do EAIGFU (nível sociocultural, nível relacional e competência motriz percebida), os clusters 1 e 2 apresentaram opiniões mais próximas de valores que classificamos como sexistas, transitando entre posturas de incertezas ou menos sexistas até extremos considerados como mais sexistas,





enquanto o cluster 3 poderia ser classificado como no espectro mais igualitário, portanto, mais distante do posicionamento mais sexista em suas respostas (Quadro 1). Cabe destacar que tais características não são padrões, pois não necessariamente se encontram expressados em cada uma das questões ou mesmo nos blocos temáticos quando tomados isoladamente.

Quadro 1 – Média dos valores centrais em cada categoria temática para os clusters 1, 2 e 3

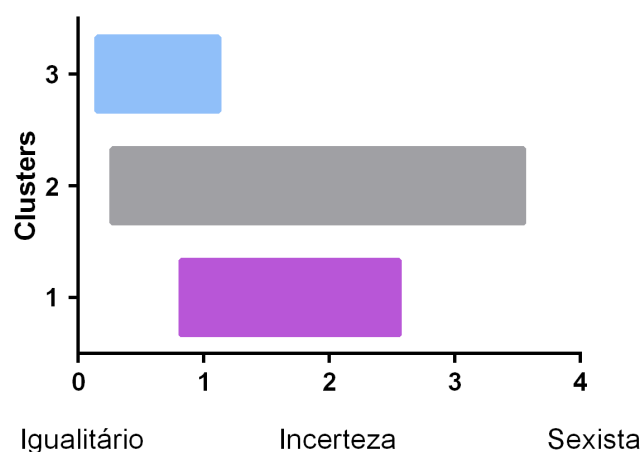
COMPARACAO ENTRE OS CLUSTERS			
Eixo	Cluster 1	Cluster 2	Cluster 3
Identidade de Gênero	1,28	1,62	0,45
Profissionalização	1,18	0,84	0,30
Desempenho Esportivo	1,65	2,00	0,65

Fonte: Produzida pelos pesquisadores (2024).

Conforme é possível observar no Quadro 1, o cluster 1 se mostrou como o que representa posicionamentos mais sexistas apenas no eixo profissionalização, sendo superado no espectro sexista pelo cluster 2 nos eixos identidade de gênero e desempenho esportivo, o cluster 3 se mostrou como o mais igualitário nos três eixos.

Essa diversidade talvez fique mais clara ao observar as respostas de forma geral, considerando a médias dos valores centrais de todas as afirmações para cada um dos clusters (Figura 2), o que torna possível visualizar de forma mais ampla o posicionamento em cada cluster, considerando o espectro que transita entre igualitário, incerteza e sexista.

Figura 2 – Valores centrais de todas as afirmações para os clusters 1, 2 e 3.



Fonte: Produzida pelos pesquisadores (2024).

Como é possível observar na Figura 2, de forma geral o cluster 1 pode ser classificado no espectro de incerteza com menor dispersão de respostas para os espectros





igualitário e sexista, o cluster 3 apresenta uma maior consistência no espectro mais igualitário, enquanto o cluster 2 transita do espectro igualitário até o de condutas mais sexistas com respostas bem dispersas. No entanto, novamente é necessário cautela com as generalizações como será possível constatar nas análises do presente estudo.

Identidade de Gênero

O quadro 2 trata das questões que foram categorizadas como referentes à temática de identidade de gênero e a Figura 3 apresenta os valores centrais dessas questões. São seis questões do EAIGFU (1, 3, 9, 10, 11 e 13) que avaliamos tratar desta temática com maior ênfase.

Quadro 2 – Questões e valores centrais da categoria temática Identidade de Gênero

IDENTIDADE DE GÊNERO			
Questão	Cluster 1	Cluster 2	Cluster 3
Afirmção 1 – “O futebol é um esporte masculino”	0,82	0,64	0,36
Afirmção 3 – “Treinar futebol torna as meninas menos femininas”	0,87	0,82	0,15
Afirmção 9 – “As mulheres deveriam evitar os esportes de contato como o futebol, porque podem ser perigosos para sua saúde”	1,03	1,64	0,48
Afirmção 10 – “As meninas, em vez de jogar futebol deveriam ser animadoras ou praticar esportes que valorizem a beleza de seus corpos”	1,14	1,91	0,36
Afirmção 11 – “As meninas que jogam futebol são tão femininas quanto as que não praticam o esporte futebol”	2,56	1,27	1,10
Afirmção 13 – “As meninas são muito delicadas para praticar futebol”	1,28	3,45	0,30

Fonte: Produzida pelos pesquisadores (2024).

Na categoria “Identidade de gênero” as questões 1 e 3 apresentaram baixa diferença entre os clusters, estando todos abaixo do valor central 1,0, ou seja, todos se posicionam de forma igualitária, discordando da afirmação de que o futebol é um esporte masculino e de que treinar futebol tornaria as meninas menos femininas.

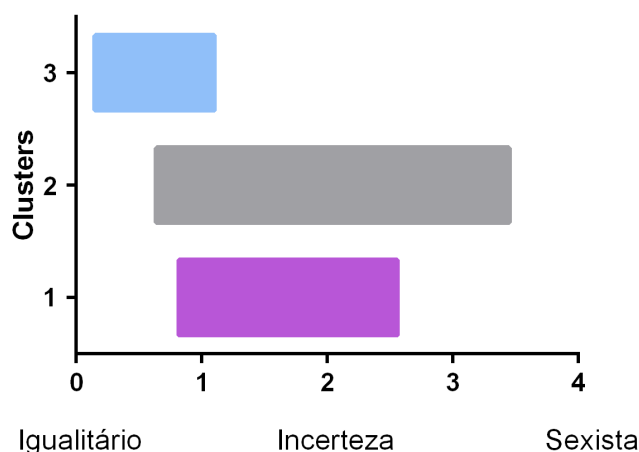
Em contrapartida, nas questões 9, 10, 11 e 13, notou-se uma diferença mais consistente, com os clusters 1 e 2 apresentando valores centrais mais altos em relação ao cluster 3. Chama a atenção os valores mais altos apresentados pelo cluster 1 e 2 em duas questões. Para a afirmação de que “as meninas que jogam futebol são tão femininas quanto





as que não praticam o esporte futebol” o cluster 1 apresenta um valor central de 2,56, indicando que se posicionam predominantemente entre o “não sei” e o “concordo”, o cluster 2 apresenta um valor central de 3,45, posicionando-se entre o “concordo” e o “concordo plenamente” para a afirmação de que “as meninas são muito delicadas para praticar futebol”.

Figura 3 – Valores centrais de todas as questões da categoria temática Identidade de Gênero para os clusters 1, 2 e 3



Fonte: Produzida pelos pesquisadores (2024).

A Figura 3 evidencia uma consistência do cluster 3 no campo mais igualitário, em contraposição aos outros dois clusters com respostas mais dispersas, com o cluster 2 apresentando respostas com maior teor sexista.

Tais dados retratam a tendência à essencialização de uma feminilidade incompatível com a prática esportiva e, sobretudo, do futebol referenciada por autoras como Silva (2017) e Kessler (2023), refletindo o imaginário social de uma representação da beleza, fragilidade, maternidade e delicadeza associadas a esta feminilidade, em contraposição à estereotipia do futebol como violento, que exigiria força e resistência física, dentre outros elementos tomados como “masculinos”.

A partir dessa análise se torna necessário compreender como esses processos identitários e essas relações de gênero são construídas para que as mesmas possam ser ressignificadas e pessoas marginalizadas do futebol possam enxergar ali uma possibilidade de expressão e visibilidade desassociada a comportamentos normativos e hegemônicos.

Profissionalização





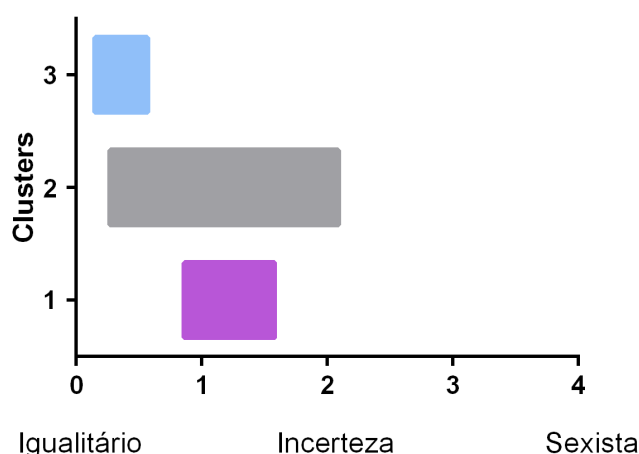
O Quadro 3 trata das questões que foram categorizadas como referentes à temática da profissionalização e a Figura 4 apresenta a média dos valores centrais de todas as questões desta categoria temática. São quatro questões do EAIGFU (2, 4, 5 e 12) que avaliamos tratar desta temática com maior ênfase.

Quadro 3 – Questões e valores centrais do eixo Profissionalização

PROFISSIONALIZAÇÃO			
Questão	Cluster 1	Cluster 2	Cluster 3
Afirmção 2 – “O tempo que meninas investem em treinamento de futebol é tempo perdido porque elas não jogarão profissionalmente”	0,86	0,45	0,19
Afirmção 4 – “Os patrocinadores esportivos e meios de comunicação (imprensa e televisão) deveriam apoiar mais as equipes de futebol feminino para impulsionar o seu desenvolvimento”	1,27	0,27	0,32
Afirmção 5 – “A participação da mulher no futebol ajuda no crescimento da sociedade”	1,58	0,55	0,57
Afirmção 12 – “Investir no futebol feminino é uma perda de tempo e dinheiro”	1,01	2,09	0,15

Fonte: Produzida pelos pesquisadores (2024).

Figura 4 – Valores centrais de todas as questões da categoria temática Profissionalização para os clusters 1, 2 e 3.



Fonte: Produzida pelos pesquisadores (2024).

Em comparação à identidade de gênero, a categoria profissionalização apresenta valores mais igualitários para os três clusters, conforme pode ser observado na Figura 4.





Novamente o cluster 3 se manteve no campo igualitário com valores centrais inferiores a 1,0 em todas as questões, indicando respostas totalmente igualitárias ou igualitárias.

Analisando cada questão, é possível perceber que os três clusters se posicionaram de forma totalmente igualitária ou igualitária (valores centrais abaixo de 1,0) na questão 2, concordando plenamente ou concordando com a afirmação de que “o tempo que as meninas investem em treinamento de futebol é tempo perdido porque elas não jogarão profissionalmente”. Nas questões seguintes, o cluster 1 se posicionou em valores centrais acima de 1,0, mas menores que 2,0, indicando um posicionamento entre igualitário e de incerteza para afirmações sobre temas como apoio de patrocinadores e meio de comunicação (afirmação 4), impacto social positivo do futebol feminino (afirmação 5) e desperdício de tempo em dinheiro relacionado ao investimento no futebol feminino (afirmação 12), sobre essa última questão, cabe destacar que o cluster 2 apresentou o valor central mais alto desta categoria (2,09), posicionando-o mais próximo da incerteza.

As respostas mais alinhadas com valores igualitários encontradas nessa categoria podem estar relacionadas ao enquadramento histórico da coleta de dados ter ocorrido justamente em 2019, ano considerado pela literatura (GOELLNER, 2020; BARREIRA et al., 2020; MARTINS; SILVA; VASQUEZ, 2021) como um divisor de águas da expansão do futebol feminino, demarcado pela maior atenção das mídias tradicionais e alternativas, com uma maior presença das mulheres em diferentes ocupações relacionadas ao futebol nos campos do jornalismo, arbitragem e comissões técnicas dos clubes, por exemplo.

O ano de 2019 foi marcado pela Copa do Mundo de Futebol Feminino da França que teve repercussão midiática, além da implementação de políticas de desenvolvimento do futebol feminino como a regra de licenciamento de clubes promovida pela CONMEBOL que gerou a presença dos chamados “clubes de camisa” (clubes da elite do futebol brasileiro) nas competições nacionais e continentais. Neste sentido, podemos assumir que a sensibilidade de percepção dos/as participantes da pesquisa em relação à profissionalidade do futebol feminino, pode ter sido positivamente impactada pelos referidos eventos e políticas, implicando em opiniões e posicionamentos mais igualitários, inclusive em grupos que tendem a ter posicionamentos e opiniões mais próximas de um campo sexista em outros temas relacionados à prática do futebol por mulheres.





Desempenho Esportivo

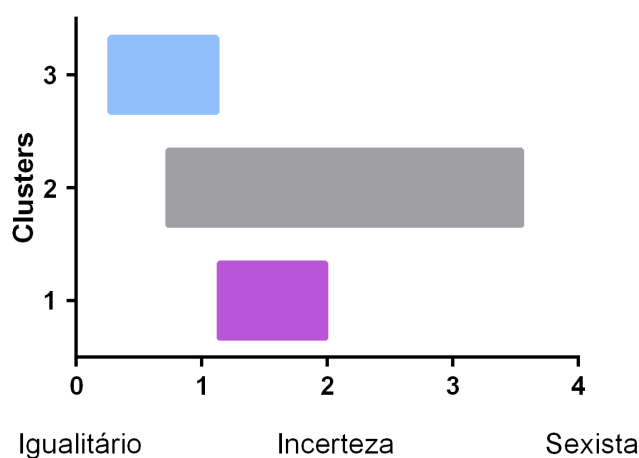
O quadro 4 trata das questões que foram categorizadas como referentes à temática desempenho esportivo e a Figura 5 apresenta a média dos valores centrais de todas estas questões da categoria temática Desempenho esportivo. São seis questões do EAIGFU (6, 7, 8, 14, 15 e 16) que avaliamos tratar desta temática com maior ênfase.

Quadro 4 – Questões e valores centrais do eixo Desempenho Esportivo

DESEMPENHO ESPORTIVO			
Questão	Cluster 1	Cluster 2	Cluster 3
Afirmção 6 – “O desempenho das meninas no futebol poderia igualar (ou superar) o dos meninos”	1,66	0,82	0,57
Afirmção 7 – “As meninas possuem aptidão física necessária para praticar futebol”	1,55	0,91	0,70
Afirmção 8 – “Com o treinamento constante e força de vontade uma mulher pode chegar a ser tão habilidosa (ou mais) que um humem no futebol”	1,14	0,73	0,27
Afirmção 14 – “Na prática do futebol as meninas se machucam com maior frequência do que os meninos”	1,82	2,45	1,12
Afirmção 15 – “Os meninos nasceram com maior aptidão para o futebol do que as meninas”	1,79	3,55	0,66
Afirmção 16 – “Os meninos são melhores do que as meninas em relação à rapidez necessária para a tomada de decisão no futebol”	1,99	3,55	0,62

Fonte: Produzida pelos pesquisadores (2024).

Figura 5 –Valores centrais de todas as questões da categoria temática Desempenho Esportivo para os clusters 1, 2 e 3.



Fonte: Produzida pelos pesquisadores (2024).





Comparando a média dos valores centrais dos três clusters para cada categoria (quadro 1), esta é a que apresenta valores centrais mais altos, ou seja, a categoria na qual os três clusters apresentam valores menos igualitários ou mais próximos da incerteza ou do espectro sexista. A Figura 5 corrobora com tal conclusão, quando comparada com as Figuras 3 e 4 que representam as categorias temáticas anteriores.

Novamente, foi possível constatar que o cluster 3 se posicionou de forma consistente no espectro igualitário, indicando valores centrais abaixo de 1,0 para cinco das seis questões, sendo que na questão 14, sobre a afirmação de que “na prática do futebol as meninas se machucam com maior frequência do que os meninos”, seu valor central foi de 1,12, posicionando-o mais próximo do campo igualitário do que da incerteza.

Nas questões 6, 7 e 8 o cluster 3 manteve-se no campo igualitário de forma consistente com valores centrais de 0,57, 0,70 e 0,27 respectivamente, o cluster 2 também apresentou valores centrais igualitários (0,82, 0,91 e 0,73) e o cluster 1 esteve entre os valores centrais igualitário e de incerteza (1,66, 1,55 e 1,14) para estas afirmações que versavam sobre o desempenho das meninas poder igualar ou superar o dos meninos (afirmação 6), as meninas possuírem aptidão física para praticar o futebol (afirmação 7) e a possibilidade das mulheres serem tão ou mais habilidosas do que os homens no futebol com treinamento e força de vontade (afirmação 8).

Por fim, nas questões 14, 15 e 16, encontramos valores centrais mais distantes do campo igualitário e mais próximos do campo sexista para o cluster 1 e, sobretudo, para o cluster 2, que apresenta valores centrais de 2,45, 3,55 e 3,55 respectivamente para essas afirmações que versam sobre as meninas se machucarem mais do que os meninos no futebol (afirmação 14), meninos terem nascido com maior aptidão para o futebol (afirmação 15) e meninos serem melhores do que as meninas na tomada de decisão no futebol (afirmação 16). Enquanto o cluster 3 se posiciona de forma igualitária nessa questão e o cluster 1 mais próximo da incerteza (1,82, 1,79 e 1,99), o cluster 2 posiciona-se entre a incerteza e posicionamentos sexistas para a questão 14 e categoricamente mais sexistas para as duas últimas.

Daolio (1995) em seu clássico livro “Da cultura do corpo”, ao discutir a construção cultural do corpo humano, afirmava que segundo o senso comum “[...] os meninos brasileiros, como se diz correntemente, ‘nascerem sabendo jogar futebol’. De forma contrária, segundo o senso comum, podemos dizer que as meninas brasileiras, além de não nascerem sabendo, nunca conseguem aprender a jogar futebol” (DAOLIO, 1995, p. 40). Esta essencialização dos





corpos masculinos e femininos pautada por parâmetros biofisiológicos, sustentada pelo sistema binário sexual que classifica as pessoas, seus corpos, gêneros e sexualidades, segundo Goellner (2021), é o mesmo que ordena a categorização dos esportes oficialmente, obrigando a separação de homens e mulheres nas competições esportivas.

Tais pressupostos nos ajudam a interpretar os motivos que levariam os/as estudantes dos clusters 1 e, sobretudo 2 a se posicionarem com incerteza ou de forma sexista, em concordância a uma suposta naturalização da superioridade física (mas não somente) dos homens no futebol como universal (GOELLNER, 2021). O conceito de imagens de controle negativas (NICOLINO; OLIVEIRA, 2020), pode ser utilizado para essa análise, pois perpassa pela manipulação das narrativas cotidianas e, dessa forma, revela que apesar das percepções mais igualitárias identificadas nas análises sobre a categoria ligada ao profissionalismo, quando se trata de investigar o desempenho futebolístico das mulheres, as jogadoras passam a ser analisadas de forma negativa, tomando-se os homens como “futebolista universal” ou o “padrão ouro” de performance que as relegaria ao posto de “futebolistas de segunda categoria”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do objetivo geral, que foi analisar opiniões e posicionamentos de alunos/as entre 12 e 18 anos em relação à igualdade de gênero no futebol, tanto no ambiente escolar quanto em um contexto de alto rendimento, foi possível compreender por meio da análise do eixo “sociocultural” dos questionários que os grupos que revelam opiniões e posicionamentos mais alinhados com o campo sexista ou da incerteza são formados majoritariamente por meninos (cerca de 63%), enquanto o grupo com posicionamentos mais igualitários tem uma maior participação feminina (60% de meninas).

Constatamos que as opiniões e posicionamentos sexistas são mais expressivos nas questões relacionadas à temática do desempenho esportivo sugerindo a naturalização de uma superioridade masculina no futebol como valor universal e instituindo este parâmetro do futebolista homem como referência de excelência, colocando as mulheres como inferiores sob um ponto de vista comparativo, por meio de imagens de controle negativas.

Com relação às opiniões em relação ao profissionalismo atrelado ao futebol feminino, constatamos que os três grupos posicionaram-se de forma mais próxima ao campo igualitário em todas as questões, fato que associamos ao ano da coleta de dados (2019)





revelar-se como um importante marco para o desenvolvimento do futebol feminino tanto em função do sucesso da Copa do Mundo de Futebol Feminino da França, como pela implementação de políticas de ações afirmativas para o futebol feminino, como o licenciamento de clubes que instituía a obrigatoriedade dos clubes criarem equipes femininas para os campeonatos nacionais e continentais, fazendo com que os chamados “clubes de camisa” passassem a participar dessas competições.

É fundamental fomentar estudos que utilizem o gênero como categoria de análise. Além disso, é preciso contemplar uma maior diversidade, como as masculinidades e feminilidades plurais e as identidades não binárias, superando o paradigma da cisheteronormatividade. A relação de diversos marcadores sociais, como gênero, raça, classe, escolaridade, entre outros, pode contribuir com a compreensão dos fatores para que busquemos uma maneira de tornar a prática do futebol uma experiência em que grupos de pessoas marginalizadas em relação à cultura esportiva possam se apropriar da mesma.

Pensando que as possibilidades de identificações são diversas, para além do feminino e masculino, e que dentro deles, as manifestações de masculinidades e feminilidades podem ser variadas, identificamos a necessidade de estudos futuros que insiram esses fatores em seus planejamentos. Os caminhos que a pesquisa aponta envolve tematizar a construção/desconstrução de valores para que os/as próprias/os alunos/as sejam capazes de identificar situações sexistas em suas falas e atitudes ou nas falas e atitudes de seus pares.

Em consonância com as afirmações supracitadas, esse trabalho tem como contribuição a reafirmação da necessidade de olhares múltiplos e abrangentes para as diversas formas de manifestação das identidades e, assim, a construção de um futebol que possibilite o protagonismo de grupos marginalizados da prática, a partir da identificação das condições que contribuem para esse cenário e da potencialidade de transpor estudos dessa característica para as ações cotidianas de todos, sejam membros da comunidade escolar ou não.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROSO André Luís Ruggiero; DARIDO Suraya Cristina. Escola, educação física e esportes: possibilidades pedagógicas. **Revista brasileira de educação física, esporte, lazer e dança**, v. 1, n. 4, p. 101-114, 2006.

CASTELLANI FILHO, Lino. **Educação física no Brasil**: a história que não se conta. Campinas, SP: Papyrus, 1998.





DAOLIO, Jocimar. **Da cultura do corpo**. Campinas, SP: Papyrus, 1995.

DARIDO, Suraya Cristina. **Educação física na escola**: questões e reflexões. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.

DORNELLES, Priscila Gomes; TEIXEIRA, David Romão. O ensino do futebol na educação física escolar: uma "feminilidade problema" entra em campo. In: KESSLER, Cláudia Samuel (Org.). **Mulheres na área**: gênero, diversidade e inserções no futebol. Porto Alegre, SP: UFRGS, 2016.

GIL-MADRONA, Pedro e colaboradores. Attitudes towards gender equality in soccer in the school context in Spain (EAIGFU): design and evaluation of its psychometric properties. **Revista de psicología del deporte**, v. 31, n. 1, p. 196-209, 2022.

GOELLNER, Silvana Vilodre. A contribuição dos estudos de gênero e feministas para o campo acadêmico-profissional da Educação Física. In: DORNELES, Priscila Gomes, WENETZ, Ileana; SCHWENGBER, Maria Simone Vione (Orgs.). **Educação física e gênero**: desafios educacionais. Ijuí, RS: Unijuí, 2013.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Futebol de mulheres: histórias, memórias e desafios. In: MARTINS, Mariana Zuaneti; WENETZ, Ileana (Orgs.). **Futebol de mulheres no Brasil**: desafios para as políticas públicas. Curitiba, PR: CRV, 2020.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Corpos, gêneros e sexualidades: em defesa do direito das mulheres ao esporte. **Revista do centro de pesquisa e formação**, n. 13, p. 99-112, 2021.

HAIR JÚNIOR, Joseph F. e colaboradores. **Análise multivariada de dados**. 6. ed. Porto Alegre, RS: Bookman, 2009.

KESSLER, Claudia Samuel. Quais as contribuições das mulheres ao futebol? In: SOUZA JÚNIOR, Osmar Moreira de; CARVALHO, Ricardo Souza de; PRADO, Denis. **Do futebol moderno aos futebolís transmodernos**: a utopia da diversidade revolucionária. São Carlos, SP: EdUFSCar, 2023.

MARTINS, Mariana Zuaneti; SILVA, Kerzia Railane Santos; VASQUEZ, Vitor. As mulheres e o país do futebol: intersecções de gênero, classe e raça no Brasil. **Movimento**, v. 27, p. 1-18, 2021.

MÉNDEZ-HINOJOSA, Luz Marina e colaboradores. Adaptation of the SAGEFS scale on attitudes toward gender equality in football in the international school context. **Front Psychol.** p. 1-9, 2023.

MORESI, Eduardo (Org.). **Metodologia da pesquisa**. Brasília, DF: Universidade Católica de Brasília, 2003.

NICOLINO, Aline; OLIVEIRA, Valléria Araújo de. "Ocupar a quadra", empoderando meninas: ampliando diálogos sobre futebol e gênero nas aulas de Educação Física. **Cadernos de formação RBCE**, v. 11, n. 2, p. 61-70, 2020.





SILVA, Giovana Capucim. **Mulheres impedidas**: a proibição do futebol feminino na imprensa de São Paulo. Rio de Janeiro: Drible de Letra, 2017.

SOUZA JÚNIOR, Osmar Moreira de. **Futebol como projeto profissional de mulheres**: interpretações da busca pela legitimidade. 2013. 314f. Tese (Doutorado em Educação Física). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2013.

SOUZA JÚNIOR, Osmar Moreira de; DARIDO, Suraya Cristina. Refletindo sobre a tematização do futebol na Educação Física escolar. **Motriz**, v. 16, n. 4, p. 920-930, 2010.

SOUZA JÚNIOR, Osmar Moreira de; PEREIRA, Mateus Camargo. Futebol como direito e profissão de mulheres: passado, presente e perspectivas de futuro. In: MARTINS, Mariana Zuaneti; WENETZ, Ileana (Orgs.). **Futebol de mulheres no Brasil**: desafios para as políticas públicas. Curitiba, PR: CRV, 2020.

SOUZA JÚNIOR, Osmar Moreira de; REIS, Heloisa Helena Baldy dos. **Futebol de mulheres**: a batalha de todos os campos. Paulínia, SP: Autor, 2023.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

UCHOGA, Liane Aparecida Roveran; ALTMANN, Helena. Educação física escolar e relações de gênero: diferentes modos de participar e arriscar-se nos conteúdos de aula. **Revista brasileira de ciências do esporte**, v. 38, p. 163-170, 2016.

VINUTO, Juliana. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, v. 22, n. 44, p. 203-220, 2014.

Dados do primeiro autor:

Email: cauedossantosagostini@gmail.com

Endereço: Rua Benedito Luiz Veltroni, 65, Jardim Embaré, São Carlos, SP, CEP: 13563-896, Brasil.

Recebido em: 26/02/2024

Aprovado em: 19/03/2024

Como citar este artigo:

AGOSTINI, Cauê dos Santos e colaboradores. Sensibilidade à igualdade de gênero no futebol perspectivas de estudantes do ensino fundamental e médio. **Corpoconsciência**, v. 28, e.17194, p. 1-21, 2024.

